



Sutilezas de um imperador estoico [ou: De um escravo]

Thiago David Stadler^{1*}

Certa vez um escravo marcomano, que de pés descalços chegou às margens do Rio Danúbio (tal como alguém, quando esconde um valioso sentimento no peito), encontrou-se com um andarilho que voltava da fortaleza de Carnunto. O escravo no solo prostrou-se, sem fala. Já o andarilho, privado de fôlego pelo cansaço, parecia um desventurado que a terra sacudiu. Extenuado de tanto caminhar, debaixo de uma árvore pôs-se. Tempo depois, mais descansado, não tardou em lançar contra o escravo uma bela pergunta, pois lhe pareceu que os olhos de seu pouco falante companheiro miravam a algo importante. *O que vês, meu amigo?* De coração e de espírito o escravo respondeu: *Apenas o indiferente*. Como se tal coisa entendesse, o andarilho aparentou-se todo concordante. O escravo, que nessas terras sempre rondava, com paciência inabalada, muitos viajantes via naquele horizonte irradiante. Rostos como o do andarilho lhe eram comuns. Embora o silêncio concordante não o fosse.

Não me parece que sejas nem bom nem mau, andarilho. De minha voz pensante, que se faz quase fora do curso de um rio, mostrou-te atencioso. Então hei de contar-te sutilezas que ouvi de um imperador romano. Ora, o andarilho de espáduas curtas e cabelos longos espantou-se. Isto, sem dúvida alguma, lhe soou mais estranho que o próprio indiferente. Dá-me atenção agora, já que o silêncio já me ofereceste. Marco Aurélio. Já ouviste falar dele?

^{1*} Doutor em História. Professor Adjunto do Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná *campus* União da Vitória. Professor Permanente do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS). Pesquisador do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED/UFPR). Contato: thibastadler@gmail.com

Logo que ouviu tais palavras, o andarilho assentiu com a cabeça. *Caro amigo, muitos não veem maneira de um escravo maltrapilho proferir tamanho infortúnio como farei eu, talvez, somente, com o aval de um imperador como Marco Aurélio. Então me ouve. Vieste para terra, ao contrário do que tudo parece, sem te preocupares com leis, regras, tribunais, nem mesmo com a opinião dos outros.* Tendo assim, pois, o andarilho refletido, pareceu-lhe certo que o escravo quase agira com imprudência. Contudo, o escravo, mostrou-se forte e desejoso de continuar a expressar suas palavras. Por isso tudo o andarilho deu-lhe ouvidos.

O tempo da vida humana é um ponto e a composição do corpo em seu conjunto é corruptível. As coisas da alma não passam de sonhos e delírios. Já a vida é tão somente guerra e exílio. O andarilho, que há muito caminhava sem rumo, sacudiu outra vez a cabeça. *É realmente acertado esse teu pensamento. Levo o corpo como se em exílio estivesse. Tive por sorte viver, entre os homens, e alegro-me com as honrarias e a fama que carrego. Embora o esplendor da vida em exílio certas vezes mostrou-se pleno sofrimento.* Avaliando as ações dentro de sua alma tranquila o escravo respondeu. *Não me parece, andarilho, que entendeste o que ofereço. A fama e a honraria é tão somente esquecimento. Já a luta entre prazer e sofrimento nada é se alcançada a felicidade interior.* Que pensariam, quando ouvissem que um escravo nas margens do Rio Danúbio, por onde muitos passavam, proferiu palavras tão duras ao mundo das honrarias com manifesta equidade? O andarilho, por mais doloroso que fora ouvir desvantajosas palavras, esperou em cuidadoso silêncio a chegada das novas sutilezas advindas de um escravo. *O que então nos resta a fazer? Somente uma coisa, a filosofia. Ter familiaridade com a filosofia. Ter constância e perseverança na filosofia.* Capaz de compreender que com estas palavras muito aprenderia, o andarilho lhe perguntou, de rosto admirado: *Se pudesses epilogar esta filosofia que aprendeste com Marco Aurélio, como ficaria?* Com grato aspecto o escravo lhe disse, em resposta: *Necessita de pouco. Aprende a ficar tranqüilo. Não persigas as frivolidades. Fica longe da retórica. Sê complacente com aqueles que te ofendem. Vive conforme a natureza.*

Deslumbrado com as palavras que, como fogo, abrihantavam-se diante de seus olhos, o andarilho ouviu a sentença final daquele escravo sem pingos de

medo. *Vou revelar-te, conquanto isso sirva de acréscimo às sutilezas apontadas por Marco Aurélio. Os ensinamentos que muitas censuras ganhariam, caso não fossem ditos por um imperador revelam, pois, os atentos dizeres de outro escravo que Marco Aurélio conheceu a partir de Q. Júnio Rústico.* Perplexo com a revelação, o andarilho perguntou se o escravo citado era o seu próprio interlocutor. Disse-lhe, então, como última resposta antes de partir: *Pela minha própria boca lhe contarei quem fora tal escravo. Sim, digo mesmo que o seu nome era Epicteto. Um escravo manco que sutilezas ensinou a todos àqueles que os ouvidos lhe cederam. Foi desse modo que as sutilezas de um escravo chegaram aos ouvidos de outro escravo por intermédio de um imperador romano².*

² As falas do escravo foram reelaboradas a partir das *Meditações* ou *Soliloquios* de Marco Aurélio. Sendo as referências: I.5; I.6; I.7; I.14; II.17. (MARCO AURELIO. **Soliloquios**. Tradução de Don Jacinto Díaz de Miranda. Revisada por J. M. de Estrada. Buenos Aires: Angel Estrada Editores, 1946).